

# Sobre pessoas e coisas: Entrevista com Daniel Miller<sup>1</sup>

*Catarina Morawska Vianna*  
*Doutoranda em Antropologia Social USP*

*Magda dos Santos Ribeiro*  
*Mestranda em Antropologia Social USP*

A importância da materialidade na construção das relações entre pessoas e coisas tem inspirado as pesquisas de Daniel Miller, professor de antropologia na University College London (UCL), desde o início de sua carreira, na década de 80. A publicação de *Material Culture and Mass Consumption* (Miller, 1987) marca o início de um esforço de pesquisa que permaneceria por muitos anos e o tornaria conhecido pela tentativa de compreensão das práticas de consumo na contemporaneidade. Não é o foco no consumo, entretanto, o que o autor considera como o seu grande território de investigação, mas sim a área mais abrangente denominada cultura material, que de fato englobaria o estudo das práticas de consumo, mas não exclusivamente.

A antropologia de Miller, embora bastante diversificada, ainda é pouco lida no Brasil: o autor possui um único livro traduzido para a língua portuguesa, *Teoria das compras* (Miller, 2002), dentre suas mais de vinte obras publicadas. Sua mais recente contribuição, *Stuff* (Miller, 2010, no prelo), segundo o próprio pesquisador, é uma ótima porta de entrada para sua obra, já que nela sintetiza muitas das suas publicações na área de cultura material, em especial aquilo que parece permanecer

como fio condutor do seu trabalho, o desafio à oposição entre pessoas e coisas, animado e inanimado, sujeito e objeto. Miller admite que este desafio tem sido também empreendido por antropólogos como Donna Haraway, Emily Martin, Marilyn Strathern e Bruno Latour. Vindo da arqueologia, e com uma trajetória bastante diferente da destes autores, Miller migra para a antropologia já trazendo consigo seu interesse pelo estudo aprofundado da materialidade, e portanto, chega aos objetos fazendo outro percurso. Se há algo que todos eles têm em comum, com efeito, é o estatuto que conferem aos objetos na construção de teorias antropológicas mais gerais. Miller, ao longo dos últimos 25 anos, tem defendido que as *coisas físicas*, sejam elas artefatos, mercadorias ou objetos, permitem que se olhe para a maneira como os domínios do mundo material são empregados socialmente, fabricando, assim, o mundo cultural. O autor é um dos responsáveis pela abertura conceitual e teórica deste campo de estudos, e vem incentivando o desenvolvimento de pesquisas que lancem, ao mesmo tempo, um olhar sobre as práticas contemporâneas de consumo e sobre a materialidade dos objetos que viabilizam e participam de tais práticas.

A reflexão antropológica acerca do mundo material passou por um processo de duas fases. Desde o final da década de 70, importantes pesquisas mostravam que o mundo social poderia ser entendido como construído, sobretudo, por meio de materialidades. Esta abordagem, vinda especialmente de autores como Pierre Bourdieu, Marshall Sahlins e mesmo do marxismo de Maurice Godelier, exerceu significativas influências sobre o trabalho de Miller, cujos estudos, integrantes da segunda fase, passaram a evidenciar a importância de se olhar para cultura material em contextos contemporâneos. Assim, a cultura material se apresenta como um campo de investigação que contribui para a compreensão dos aspectos fundantes do capitalismo na prática cotidiana das pessoas, e de forma mais ampla, dos processos sociais do mundo em que vivemos hoje.

Um dos maiores méritos do autor reside na enorme importância que confere à tradição etnográfica, a qual se tornou uma de suas maiores bandeiras. Para Miller, é a experiência de campo que confere solidez às pesquisas antropológicas e lhe dá confiança para escolher temas de pesquisa para os quais a antropologia mais tradicional sempre fez vistas grossas. Não apenas a originalidade dos temas, mas também a diversidade dos locais de pesquisa que elege evidenciam o seu fôlego etnográfico: telefones celulares na Jamaica; capitalismo em Trinidad; empresa de auditoria no Reino Unido; novas mídias nas Filipinas. A escolha de pesquisas feita por seus alunos – ele atrai muitos – tem o mesmo perfil: consumo ético na Índia; a cadeia de produção de leite na Grécia; *souvenirs* no comércio turístico do Japão; e o uso do denim (*jeans*) na Suécia e na China. Aliás, sua sala na UCL está repleta de amostras do tecido, e ele nos explica que atualmente coordena o *Global Denim Project*, cujo objetivo é investigar o fenômeno global do uso do denim. Esta pesquisa teve início com a publicação do artigo “*Manifesto for a study of denim*” (Miller & Woodward, 2007), escrito em conjunto com Sophie Woodward, professora na Universidade de Manchester. O projeto conta com pesquisadores de diferentes países – Brasil, Turquia, Índia, China, Estados Unidos etc. – e ambiciona atrair mais colaboradores que se proponham, por meio de uma abordagem etnográfica, perseguir as causas e conseqüências do uso do *jeans* enquanto um fenômeno global. Entretanto, sua virtude talvez não esteja tanto na tamanha diversidade dos objetos de estudo sobre os quais se debruça, mas sobretudo no fato de equiparar temas e locais de pesquisa hierarquizados dentro da disciplina antropológica, para os quais, frequentemente, se atribui menor valor.

A leitura de suas narrativas etnográficas muitas vezes nos remete a aspectos surpreendentes de um mundo muito próximo sobre o qual preferimos não refletir, ao menos não com nossas ferramentas de trabalho. Movimentos sociais acontecem também dentro de escritórios povoados

de máquinas e papéis, mas é para a reivindicação identitária que voltamos preferencialmente o olhar, e não para os saberes mobilizados e construídos em conjunto com os objetos. O trabalho de Miller expõe os preconceitos de uma antropologia fundada numa tradição que aprecia incursões filosóficas requintadas e que desconsidera experimentações como aquelas nas quais o autor, aqui entrevistado, baseia seu trabalho, quer seja nos temas de pesquisa, locais de campo, ou na própria escrita, a qual ele afirma querer tornar cada vez mais acessível. Assim como antropólogos se inspiram na experiência de populações marginalizadas para desenvolver reflexões sempre instigantes, talvez seja interessante atentar para áreas invisibilizadas dentro da própria antropologia e descobrir quais rendimentos elas podem trazer.

*1. Poderíamos começar perguntando como você iniciou seus estudos no campo da cultura material.*

*Daniel Miller:* Quando comecei a trabalhar com cultura material, o sentimento geral na maior parte da antropologia era que isso consistia em uma espécie de estupidez. Era o tipo de antropologia com mais baixo *status* que poderia haver. A maioria dos antropólogos pensava “por que alguém se interessaria por este tipo de estudo?”. Isso fazia parte de um legado que remonta a 100-150 anos atrás. A versão breve da história, eu suponho, é que quando a antropologia se desenvolveu enquanto disciplina, na época em que os estudos evolucionistas e difusionistas estavam em voga, objetos eram usados principalmente como exemplos para se explicar a antropologia, o que se observava nas primeiras composições de museus. Uma vez que a antropologia começa a utilizar técnicas modernas de trabalho de campo, passa a haver um questionamento do uso de coisas como ilustrações, prática que pertenceria a um passado

remoto. Assim, a cultura material, penso eu, se tornou um tipo de interesse limitado a áreas como tecnologia, arte e os estudos de museus, que definitivamente eram menosprezadas. A cultura material não era entendida como possuidora de um pensamento teórico de vanguarda, não era uma área que as pessoas consideravam estimulante. Quando entrei nessa área ela ainda era um tema menor. Aqueles que desenvolviam interesse por estes estudos geralmente eram como eu, vinham através da arqueologia. E simplesmente na arqueologia não havia escolha, o que se tinha eram peças quebradas de artefatos, e era preciso fazer algum tipo de ligação entre aquelas coisas e a reconstrução de idéias sobre as pessoas; do contrário se permaneceria somente com as peças quebradas dos artefatos. Mas nós estávamos tentando desenvolver novas idéias teóricas, e a partir da perspectiva da cultura material acreditamos que era possível obter um novo tipo de pauta teórica.

*2. Mas é certo dizer que no fim da década de 1970 e começo da de 80 a antropologia ignorava a questão da cultura material? Na época, como a teoria antropológica lidava com estas questões?*

*DM:* Havia pessoas no centro da antropologia social começando a prestar atenção em cultura material como elemento importante para o desenvolvimento de suas perspectivas teóricas. Se você retornar àquelas discussões sobre estruturalismo e marxismo, encontrará pessoas como Marshall Sahlins olhando para a *cultura e razão prática* (Sahlins, 2003[1976]) ou Pierre Bourdieu e o importante *Esboço de uma teoria da prática* (Bourdieu, 1983 [1972]). Mesmo no centro do estruturalismo, havia Lévi-Strauss com *A via das máscaras* (Lévi-Strauss, 1981 [1977]), baseado na cultura material, e alguém como Maurice Godelier, preocupado com a materialidade a partir da perspectiva marxista. Todas

estas pessoas, cada uma a seu modo, estavam começando a dar atenção a algo que havia sido efetivamente negligenciado por décadas, que era, da forma como eles viam, aquele substrato material do que acontecia na sociedade, mas sem que isto fosse necessariamente tornado explícito. Se olharmos para o *Esboço de uma teoria da prática*, veremos que a taxonomia das coisas, em Bourdieu, é um dos elementos mais importantes para que uma pessoa incorpore o *habitus* de sua cultura através da prática, por estar a prática baseada no fato de que as coisas são, elas mesmas, ordenadas. Mas Bourdieu não achava que estava inventando a área de cultura material, muito embora a cultura material tenha se tornado, para ele, não simplesmente um substrato como na abordagem dos marxistas originais, mas fundamental para a socialização das pessoas e sua constituição como tais, fato central para a nossa compreensão acerca da sociedade e da reprodução social.

### *3. De que maneira aconteceu a sua passagem da arqueologia para a antropologia?*

*DM:* Eu estava influenciado primeiramente pela arqueologia, através do meu orientador em Cambridge, David Clark, uma pessoa bastante aventureira, em especial o que chamavam de *Novas Abordagens Arqueológicas*, mas também parcialmente pela ciência, e parcialmente pelas novas idéias teóricas que estavam aparecendo, como o estruturalismo e o marxismo vindo de autores como Maurice Godelier. Isso tudo estava acontecendo, e algumas pessoas que vinham da arqueologia, incluindo eu mesmo, faziam pesquisa de campo em lugares como a Índia ou Melanésia. Fui enviado por dois anos, a fim de me tornar um arqueólogo, para as Ilhas Salomão no sul do Pacífico, na Melanésia. Naquela época,

a Melanésia era uma das áreas mais estimulantes para o desenvolvimento da teoria antropológica. E isso vindo de pessoas que desenvolviam trabalhos muito interessantes, como Strathern. O mais importante para mim, pessoalmente, era o fato de que você não poderia ser um arqueólogo em lugares como as Ilhas Salomão sem trabalhar também com as pessoas nativas que os antropólogos estudavam. Foi o momento em minha vida quando, provavelmente, para além de me interessar por vasos e pedras, eu estava me tornando cada vez mais e mais interessado nas pessoas. Decidi, então, que deveria voltar-me para o trabalho antropológico, e dedicar-me diretamente ao estudo das pessoas que estavam ao meu redor. A ponte foi aquilo que era chamado, na época, de etnoarqueologia, que tentava entender povos contemporâneos como se fossem produtores de materiais arqueológicos. Minha tese de PhD se debruçava sobre artefatos na Índia, e era etnoarqueológica. A questão era que se esses objetos existiam, e você tinha o privilégio de ver toda uma sociedade vivendo ao seu redor, então, como a transição poderia ser feita com base nessas idéias teóricas que usavam técnicas etnoarqueológicas? Isto significava que eu estava conduzindo um trabalho etnográfico, embora fosse uma etnografia a partir da perspectiva arqueológica, e isso foi se traduzindo cada vez mais em antropologia, mas uma antropologia com um interesse particular ligado aos objetos. Esta foi a sequência por meio da qual meus interesses foram guiados.

*4. A sua primeira obra sobre a questão do consumo é ainda do final da década de 80 (Material Culture and Mass Consumption, Oxford, Basil Blackwell, 1987). Como se deu a ponte de um interesse de pesquisa centrado na cultura material para um olhar mais específico voltado aos fenômenos do consumo contemporâneo?*

*DM:* Eu estava entrando num campo de estudos na hora certa. Eu tinha aquela primeira experiência que era menosprezada, tinha também a influência de todos os novos desenvolvimentos dentro da antropologia social e tinha uma perspectiva particular vinda da arqueologia. E se pensarmos nisso como uma receita, havia mais um ingrediente, que foi a percepção de que o universo do consumo moderno de massa havia sido seriamente negligenciado pela cultura material. Contudo, nós estávamos em um período onde as pessoas tornavam-se cada vez mais obcecadas pelas coisas que as circundavam. Não havia quase nenhuma teoria sobre o consumo. Você tinha que voltar ao século passado para encontrar pessoas, como Thorstein Veblen (1985 [1899]), que estivessem seriamente interessadas em pensar sobre o crescente aumento das coisas. Não era admissível haver tamanha fraqueza no conjunto de estudos sobre o consumo contemporâneo, isso era ridículo, dada a centralidade do consumo em nossas vidas. Acredito, portanto, que eu era como a maioria dos acadêmicos, um reflexo de algo que estava se compondo, e no meu caso, diria que estava no cruzamento histórico certo. Achei que era hora de utilizar todos esses novos desenvolvimentos teóricos abrangentes na antropologia, reconhecendo a centralidade do consumo contemporâneo. Entretanto, para fazer isso seria necessário voltar-me para alguns teóricos, e não de maneira limitada ou insuficiente. As teorias que informavam sobre como as pessoas se relacionavam com as coisas eram as mais fundamentais. Então, de certo modo, eu estava muito interessado em pensadores como Bourdieu, Lévi-Strauss, Sahlins (e influenciado pelo marxismo), embora quisesse pensar sobre o que, realmente, estava por trás de tudo isso. Foi através da cultura material que cheguei ao consumo de massa. Percebi, contudo, que realmente tínhamos a possibilidade de ir além do dualismo que então separava pessoas e coisas. Do mesmo modo como Bourdieu pensou como as coisas estavam na base da socialização, ou seja, de que forma você se torna alguém

tipicamente da Melanésia ou de Nova Iorque, quero enfatizar que no plano teórico não interessa tanto como as pessoas usam as coisas, mas como as coisas constituem as pessoas.

*5. Como você se tornou um etnógrafo? De que maneira o contato com a antropologia guiou suas incursões a campo?*

*DM:* Em certo aspecto, comecei meu trabalho de campo muito cedo por conta de meu interesse na arqueologia, sendo a arqueologia uma das áreas tradicionalmente dominadas pela antropologia. Antes mesmo que eu fizesse meu PhD, eu já tinha ficado dois anos nas Ilhas Salomão, e estava envolvido com pessoas como Roger Keesing. Na verdade, eu estava muito envolvido com antropologia, afinal, minha primeira graduação havia sido em Cambridge, uma graduação conjunta em arqueologia e antropologia. Um dos professores mais inspiradores, naquela época, era Edmund Leach. Leach se via como uma espécie de João Batista do messias lévi-straussiano, e assim se retratava de modo muito forte: o homem que traria o estruturalismo para o Reino Unido. Ele era carismático e muito influente, e por isso carregou um forte legado do estruturalismo. Antes disso, fiz também uma expedição na Indonésia oriental enquanto ainda era um aluno de graduação. Naquela época, tinha aquela idéia aventureira, de usar um facão, cortar a selva, isso fazia parte de toda a empolgação. Parece estranho justapor essas coisas, mas foi emocionante no sentido da expedição e do compromisso com as pessoas, sobretudo porque, naquela época, quando o marxismo e o estruturalismo estavam em voga, aquilo parecia muito estimulante para mim. Nesse sentido, o PhD, na Índia, foi menos radical do que poderia ter sido, porque eu ainda sentia que estava deixando de lado as preocupações arqueológicas. Eu ainda não estava me permitindo tornar-me um

etnógrafo, embora suponha que já estivesse pronto para me tornar um naquela altura. Escolhi o sul da Ásia em parte pela influência do estruturalismo dumontiano concebido no sistema de castas, e em parte porque tinha estado lá bem antes, quando era *hippie*, um período do qual carrego só memórias vagas, o que não é surpreendente considerando o que se faz quando se é *hippie*. Mas aquilo me deu a experiência da riqueza de se trabalhar naquela região, então eu sabia que aquele era um lugar muito rico para desenvolver certas idéias. Acho que uma das coisas que me ajudou no campo da cultura material foi a minha postura bastante eclética e pouco disciplinar. Quando era estudante em Cambridge não me importava quais disciplinas devia seguir, eu me envolvia com qualquer uma que me interessasse. Costumava ir às conferências de Giddens na sociologia porque elas eram incríveis; costumava conversar com geógrafos. De fato, minha postura não tinha muito de autoridade e disciplina, no duplo sentido do termo disciplina. Eu ia atrás do que parecesse interessante e estimulante.

*6. Uma das marcas do seu trabalho é o uso de material etnográfico bastante diversificado, grande parte dele coletado em seu próprio trabalho de campo. Qual você diria ser o valor do trabalho etnográfico para a pesquisa antropológica?*

*DM:* O que o trabalho de campo traz é solidez. O conhecimento que vem com ele supõe sentar-se numa aldeia por um longo período de tempo diligentemente e pacientemente juntando os pedaços daquele mundo – no meu caso, olhando para vasos até eu não agüentar pensar em vasos pelo resto da vida –, e tentando gradualmente compor o trabalho de doutorado. As experiências de campo o mantêm comprometido com um certo nível de conhecimento, sem o qual corre-se o risco de ser leva-

do pelos estudos culturais, que apesar de serem atraentes, não carregam aquele fundamento sólido. Sempre senti que o campo era uma prática que gostaria de manter. Por isso, quando comecei a ir mais para o lado dos estudos do consumo, sempre soube que precisaria voltar a campo. Minha sensação é que quando começo a produzir teorias muito abstratas é porque está na hora de voltar ao campo (apesar de gostar muito de debates teóricos). É necessário retomar a solidez do campo ainda que isso implique naquela humildade que envolve ouvir outras pessoas que acham que você é irrelevante, ou mesmo entender coisas que elas fazem, que não são, necessariamente, o que gostaria que fizessem. O problema com o trabalho de campo em antropologia é que você percebe como alguns antropólogos podem ser provincianos e chatos, falando sobre “meu povo” por mais de vinte anos. Em dado momento é preciso voltar e desenvolver um trabalho mais analítico. Sempre vejo uma tensão dialética entre teoria e análise, por um lado, e trabalho de campo por outro. Assim, o trabalho de campo mantém você verdadeiro e envolvido com as pessoas, de modo que as coisas façam sentido no nível teórico. Em toda minha vida – e pelo restante dela – pretendo fazer diferentes campos. Nunca se deve passar mais que dois anos sem fazê-lo. Eu sempre retorno a algum tipo de trabalho de campo, sinto que precisamos dele.

*7. Dentro da antropologia mundial há uma certa geopolítica que opera em ao menos três aspectos: na teoria considerada central, nos temas de pesquisa, e nos locais em que se realiza trabalho de campo. É sempre mais freqüente ver antropólogos optando por estudar populações marginalizadas ao invés de empresários, por exemplo, e por realizar o trabalho de campo naquilo que é considerado o sul geopolítico. Pelo seu interesse específico na área de consumo, fica bastante*

*claro que os temas de pesquisa que você explora vão na contramão dos temas tradicionalmente estudados pela antropologia. Entretanto, uma de suas etnografias mais expressivas sobre telefones celulares foi realizada em Trinidad, o que acompanha esta tendência da antropologia do norte em escolher lugares no sul para se fazer trabalho de campo...*

*DM:* Mas lembrem-se que eu estava fazendo campo nas empresas! Já em Londres eu fiz trabalho de campo com pessoas comuns, portanto, minha noção de norte/sul é um pouco diferente. Sempre senti que uma das contribuições da cultura material – e sua ênfase sobre o consumo – foi a forma como auxiliou a conferir maturidade para uma antropologia que era, genuinamente, comparativa, e que sempre tratou, basicamente, todos os grupos, em todos os países, de forma igual. O que isto significa é que todos têm o mesmo direito de ser incomodados por um antropólogo! Em meu livro sobre o capitalismo (Miller, 1997), fui criticado na Inglaterra por produzir uma etnografia que buscava ser uma etnografia do capitalismo, muito embora realizada em Trinidad. As críticas argumentavam que isso não fazia sentido, já que o capitalismo deveria ser estudado em Londres ou Nova Iorque. Meu argumento é que eles não compreendiam a grande questão da antropologia, ou seja, o fato de que não há uma essência autêntica em nada que se investiga. Trinidad tem o direito de ser visto como uma incorporação do capitalismo tanto quanto Londres, e com o capitalismo japonês não seria diferente. Nesse sentido, nós estudamos capitalisms e não capitalismo. A questão é que isso faz parte da maturidade da disciplina antropológica, que deveria ser genuinamente comparativa.

*8. Esse empreendimento comparativo, importante para os estudos sobre o consumo que você realiza em Londres e em outros lugares, também implica em uma equiparação da metodologia de pesquisa de campo?*

*DM:* Devo reconhecer que o trabalho sobre consumo em Londres não foi feito da mesma maneira como foi em Trinidad. É preciso considerar metodologicamente as especificidades de cada lugar. Em Londres as pessoas passam mais tempo em casa, e percebi que a maioria das pessoas se envolve com o mundo real através da TV, em sua sala de estar. As pessoas não estão, necessariamente, nas ruas, em um sentido de esfera pública. Assim, um dos meus argumentos no trabalho que faço em Londres é que devo estar na casa das pessoas, preciso assistir TV com elas, trocar as fraldas, ajudar com as compras ou com o que for preciso, porque esse é o lugar onde as pessoas estão. Você não pode simplesmente tentar reproduzir o tipo de etnografia que faz nos espaços públicos de Trinidad para entender os londrinos. Você vai para onde as pessoas estão, e acaba adaptando sua metodologia de acordo com o que as pessoas fazem. Sendo assim, todos os meus alunos têm esse compromisso de “beber muito chá”, o que significa, basicamente, estar envolvido na esfera privada e trabalhar nela. Você pode acabar estudando temas semelhantes, mas ainda encontrará essas diferenças de acordo com os diferentes ambientes. Então, provavelmente, você precisará adaptar sua metodologia dependendo de onde trabalha.

*9. Alguns afirmam que você é considerado um dos maiores especialistas sobre consumo na antropologia. Você se vê assim?*

*DM:* Se você olhar para minha carreira, o que se manteve mais constante foi a cultura material. Houve um momento em que eu passei a me identificar mais com os estudos específicos de consumo, mas deliberadamente me retirei disso. Compreendo que passei a ser visto como um especialista em consumo, mas minha identificação é muito mais com antropologia, com cultura material. Consumo é um tipo de abordagem dentro da cultura material, mas não é a única possível. Apesar de estudar consumo, preferi manter uma base mais ampla em torno da cultura material. Creio que a ênfase à cultura material é o que trago de mais importante para a mesa de discussão.

*10. Então podemos dizer que essa ênfase faz de você um dos maiores representantes desta área na antropologia...*

*DM:* Nunca quis afirmar que eu sou a área de cultura material. Há outras pessoas que empreendem estudos nesta área de maneiras diferentes. Uma das diferenças é, certamente, o fato de que muitos pesquisadores em cultura material estão, na verdade, fundamentalmente interessados nos objetos em si, ou seja, eles estão mais próximos de uma tradição vinda da história da arte ou da estética, ou então, simplesmente, fascinados pela natureza do próprio objeto. Não faço objeção alguma a estes estudos, esta também é uma forma legítima de pensar a cultura material, minha intenção não é demarcar uma separação entre estes estudos e os que eu faço. Todavia, quero enfatizar que meus interesses de pesquisa estão nos *relacionamentos*, é isto, acima de tudo, o que me fascina. Eu sou o tipo de pessoa que gosta de sentar-se com outras pessoas e escutá-las falar, esse método está bastante presente em meu trabalho de campo, e uma das formas que faço é através da atenção aos objetos, que são menos ameaçadores, então eu sempre começo perguntando sobre objetos.

*11. Há diferentes termos para se referir ao que você denomina estudos da cultura material, como por exemplo, “antropologia do consumo” (proposto por Mary Douglas e Baron Isherwood) ou “antropologia das coisas” (proposto por Arjun Appadurai). Você acredita que estas diferentes nomeações revelam diferenças analíticas?*

*DM:* Acho que há sim diferenças significativas. Não quero personalizar demais isto. Trabalhamos em um departamento em que há oito pessoas ensinando na área de cultura material, há cerca de cinquenta estudantes de doutorado, temos dois programas de mestrado, e diferentes pessoas no departamento estão interessadas em elementos variados. Alguns trabalham mais no interior de museus, outros em paisagens e outros em patrimônio cultural, temos campos de investigação diferentes. Creio que o termo cultura material, o próprio termo em si, tem uma ambição que você não irá encontrar na semântica dos termos “antropologia do consumo” ou “antropologia das coisas”. Cultura material pretende indicar uma compreensão teórica mais profunda. E a razão para isto é o argumento que a cultura material com seus fundamentos teóricos, a partir dos estudos que realizamos aqui, mas também, outros paralelos como os estudos latourianos, auxilia na compreensão de algo fundamental sobre a humanidade e acerca de como esta é criada. A cultura material direciona sua atenção aos elementos fundamentais sobre o que queremos dizer quando falamos sobre seres humanos, essa é uma das razões pela qual ela se torna tão influente. Podemos dizer que a cultura material se vê como parte fundamental da antropologia, o que é diferente de uma antropologia social ou de uma antropologia das coisas, e é por meio da cultura material que encontramos a possibilidade de enfatizar diferentes elementos. Algumas pessoas, que simplesmente lidam com o mundo das coisas, centram-se na antropologia do consumo e estão satisfeitas com estas definições, mas acredito que fazemos outra coisa aqui: man-

temos uma espécie de equilíbrio entre questões teóricas profundas e essa grande variedade de literaturas. Incluímos novas questões, não necessariamente sobre antropologia das coisas, mas, por exemplo: o que é materialidade? O que não significa, necessariamente, apenas coisas físicas, pode ser sobre finanças, sobre sonhos, ou sobre a imaterialidade da Internet e dos mundos digitais, ou seja, não se trata daquilo que foi criado, convencionalmente, como coisas. As pessoas que trabalham com cultura material, incluindo eu mesmo, não estão interessadas em encontrar definições. Por isso, sempre gosto de retornar às minhas antigas questões, aproveitando as oportunidades e dizendo que se há algo interessante para ser estudado, ele pode ser chamado de cultura material. Somos pessoas que querem, apenas, fazer coisas importantes e interessantes, e sabemos que aquilo que é interessante e importante está sempre mudando e nós iremos, certamente, mudar também.

*12. Quais tipos de mudanças você tem observado nas escolhas dos objetos de investigação dos estudos de cultura material? Poderia nos dar um exemplo?*

*DM:* Nós começamos um programa novo em antropologia digital, acho que é o primeiro no mundo com este nome. Não temos medo destas mudanças, não as vemos como algo perturbador, mas simplesmente como uma nova oportunidade para compreender pessoas. Há uma dinâmica na qual as pessoas interagem com estas novas tecnologias e sobre a qual pode-se tirar reflexões. Este programa de antropologia digital aproveita essas mudanças e enfrenta o desafio de trabalhar com a velocidade da mudança, o que não significa que você não possa desenvolver idéias teóricas que são profundas e duradouras.

*13. Em certo sentido, uma investigação como esta, que envolve intenso dinamismo e inconstância, não traz certos riscos para uma disciplina que se propõe a oferecer uma contribuição mais profunda para o entendimento da socialidade?*

*DM:* Uma das questões centrais sobre os estudos da cultura material é que ela não sofre os encargos antepassados da antropologia social. Ou seja, você não está sempre pensando se isso é fiel a Malinowski ou aquilo a Boas. O mais importante, na verdade, diz respeito ao tipo de pesquisa na qual você quer se engajar. Nesse sentido, você está mais livre para escolher um tema de pesquisa simplesmente porque reconhece nele alguma relevância, ainda que não se encaixe nas tradições da disciplina antropológica. Não se trata de abandonar um tema de investigação porque algumas pessoas acham que ele não é relevante, por exemplo, pessoas que saem dos estudos culturais por acharem que seus temas são relativamente inexpressivos. De todo modo, uma das coisas mais importantes que temos, razão de nossa confiança, é manter a antropologia a partir da tradição etnográfica. Compartilhamos a idéia de que não estamos diluindo o conhecimento antropológico, tampouco o engajamento que provém dele. Meu entendimento é que a antropologia brasileira tem um engajamento etnográfico de longo prazo, e um senso muito apurado de teoria antropológica. Os estudantes brasileiros que estiveram estudando por aqui eram muito bons, vinham com um excelente treinamento de seus programas de mestrado e doutorado, e isso é uma coisa que, em minha opinião, deve ser valorizada. Contudo, por conta da segurança que se tem no privilégio de poder enfrentar questões distintas, algumas pessoas acabam por enxergar esses temas (relacionados ao consumo) como relativamente leves, relativamente superficiais, ou relativamente dinâmicos. Esse é justamente o caso da antropologia digital.

O que acontece na academia moderna é que pessoas que estão, por exemplo, na área de estudos culturais e que fazem as coisas superficialmente escolhem temas que são mais novos, enquanto aqueles que se consideram academicamente melhor embasados preferem temas conservadores. A forma como enxergo os estudos de cultura material é que ainda preservamos uma espécie de conservadorismo acadêmico, o que nos fornece segurança ao investigar coisas como o *Second Life*, jogos eletrônicos, ou o impacto do *Google Earth* no modo como as pessoas vêem o mundo, coisas que entendo como dentro da antropologia digital. Precisamos reconhecer que tudo isso está acontecendo de forma muito rápida e cria muitas possibilidades de investigação: os telefones celulares são apenas uma delas, talvez a mais óbvia. Todos esses objetos podem ser estudados a partir de trabalho de campo. Quando fiz campo para entender os celulares, estava fazendo uma etnografia convencional, foram doze meses vivendo com famílias na Jamaica e verificando o que os telefones celulares nos faziam entender sobre elas.

*14. Além da antropologia digital, em quais outros projetos você está envolvido atualmente?*

*DM:* Outro projeto em que estou trabalhando agora investiga o impacto das novas mídias nas trabalhadoras domésticas filipinas no Reino Unido. Meu interesse é o impacto geral das novas mídias. Tem havido um desenvolvimento incrivelmente veloz de coisas como *facebook* e *twitter*. A razão para escolher os filipinos aqui foi a percepção de que um número grande de pessoas em migração transnacional vêm para o Reino Unido e, tipicamente, como é o caso das trabalhadoras domésticas filipinas, deixam seus filhos nas Filipinas. Elas não trazem seus filhos.

Estes são então criados sem suas mães na quase totalidade de sua infância. As mães estão aqui, os filhos lá. Qualquer que seja a noção que se tenha acerca de relações, não há como negar que uma das relações mais fundamentais tende a ser a da paternidade e maternidade. A possibilidade de ser um pai ou mãe é enormemente importante para essas pessoas. Até o desenvolvimento dessas novas mídias, o contato era muito difícil. Escreviam cartas que podiam demorar um mês para chegar, não podiam pagar por chamadas de longa distância, e mandavam fitas cassetes com sua voz. Isto mudou muito nos últimos anos. A razão para escolher isto como objeto de estudo era que a existência mesma da relação – a capacidade de serem pais de fato – dependia da natureza desta mídia. Se o seu interesse como antropólogo se volta para a mídia, faz sentido escolher um objeto de estudo em que a mídia é o que constitui a relação. A questão aqui é que quando se faz este tipo de trabalho, usa-se a mídia para compreender o que é para estas pessoas ser um pai ou uma mãe; o que é esta relação fundamental; e como uma relação dessas só pode existir através da mídia.

*15. Nesta pesquisa, seu trabalho de campo tem sido feito aqui no Reino Unido?*

*DM:* Tendo em vista a natureza do projeto, desde o começo reconheci que não era possível perseguir este projeto a não ser que investigássemos as duas extremidades dessas conversas. Começamos com o trabalho de campo em Londres, e gradualmente, ao longo de um ano, acabamos por conhecer uma quantidade relativamente grande de pessoas que trabalham como enfermeiras e trabalhadoras domésticas. Em muitos casos perguntamos se era possível que falássemos também com seus filhos.

Então, no inverno passado fomos para as Filipinas, localizamos os filhos das pessoas daqui e os entrevistamos. Isto foi muito importante porque a percepção dos filhos sobre o que ocorria nas conversas era frequentemente muito diferente da dos seus pais e mães. Sua idéia acerca do impacto das novas mídias era em geral muito diferente da forma como suas mães e pais o concebiam a partir daqui. Acho que para perseguir o projeto de forma apropriada, era preciso ouvir ambos os lados da conversa e, sim, fizemos isto. Nós estamos fazendo um projeto paralelo no Caribe, então este inverno eu passarei lá. Sempre acho um motivo para realizar trabalho de campo em algum lugar vagamente quente. Tenho feito isso nos últimos anos e pretendo continuar fazendo-o indefinidamente. Se você tem que fazer isso como antropólogo, bom, então tem que fazer. Se vocês passarem algum inverno aqui em Londres, entenderão a necessidade antropológica disso.

*16. Você chamaria essa pesquisa de uma etnografia multi-local?*

*DM:* Acho que cada vez mais os trabalhos de campo têm sido multi-locais simplesmente porque acompanham a dinâmica das populações com que se trabalha. George Marcus fez uma boa previsão de algo que inevitavelmente se tornaria parte da prática antropológica. A questão que isto colocava na época, e que ainda é relevante, é a relação entre fôlego e profundidade na investigação, porque, evidentemente, aqueles que vão para mais de um local de pesquisa não podem permanecer por tanto tempo e alcançar tanta profundidade como quem faz campo em apenas um local. No que concerne à pesquisa nas Filipinas, o trabalho multi-local faz parte da mesma etnografia, e neste caso se consegue tanto algo de fôlego quanto, espera-se, de profundidade. Alguns dos meus

alunos me dizem que querem fazer pesquisa multi-local em quatro áreas diferentes. É preciso ter cuidado, o que a antropologia traz é profundidade através do compromisso com a etnografia, e se você trabalha três meses em cada lugar, não será a mesma coisa. Há um risco. Mas é possível. Os estudos de cadeias globais de mercadorias (*global commodity chains*) são bastante multi-locais, como por exemplo as investigações sobre a cadeia de marcas pirateadas, em que se olha os produtores em Istambul e os consumidores em outros lugares. Neste caso, num único local não se captaria a cadeia de mercadorias.

*17. Em seu livro The Comfort of Things há dois aspectos que saltam aos olhos. O primeiro é o estilo da escrita, bastante literário, e o segundo é o especial foco nos indivíduos. É possível dizer que a sua unidade de análise, nesta obra, foi o indivíduo?*

*DM:* Sobre *The Comfort of Things* (Miller, 2008) posso dizer que recebi mesmo alguns questionamentos sobre se eu estava interessado nos indivíduos, ou interessado em estudar as pessoas como indivíduos. Afirmando que nem uma coisa nem outra, não é sobre isso que este livro trata. Tentei refletir sobre o que as pessoas que estudava julgavam ser o mais importante para elas. A questão, entretanto, é que fiz mais campo com pessoas que vivem sozinhas, devido ao fato de que isso é cada vez mais comum na sociedade inglesa. Gostaria de conversar com pessoas que contassem apenas com elas mesmas, muito embora poucas delas gostassem de ser tratadas como pessoas solitárias. Elas estavam sozinhas, geralmente, porque não haviam encontrado os relacionamentos que desejavam ter, e portanto, viviam nestas condições.

*18. E quanto ao estilo de sua escrita ser mais literário?*

*DM:* Quando eu comecei a escrever, logo depois da minha época de estudante, acho que eu tendia a um estilo mais obscuro, sabe, tentando mostrar como era inteligente ao discorrer sobre questões teóricas difíceis. Agora eu me sinto mais à vontade, não preciso mais fazer isso. Acho que se as coisas que investigo são importantes e interessantes, quero que as pessoas entendam-nas, por isso, devo tentar levá-las para um público mais amplo e não apenas para poucas pessoas que querem ler textos difíceis. Assim, decidi pegar todas as coisas nas quais já trabalhei e reduzi-las em dois livros, mas com um estilo de escrita muito mais acessível, mais leve, e transformando-as em algo que as pessoas pudessem ler mais facilmente. O primeiro deles *Stuff* (Miller, 2010, no prelo) explorará mais cultura material e o segundo abordará o consumo. O primeiro livro, sobre cultura material, reduz cerca de dez livros em apenas um, de leitura mais suave. Estou esperando para ver o que acontece com este livro, e só então escreverei o seguinte sobre consumo. Acho que para quem quer conhecer meu trabalho, este será um lugar ideal para começar porque nele eu resumo uma quantidade enorme de trabalho e é bastante fácil de ler. Além disso, uma das coisas que estou tentando fazer na minha escrita é experimentar novos estilos, como fiz em *The Comfort of Things* (Miller, 2008), ou em *The Sari* (Miller, 2003). Ainda escrevo coisas teóricas, mas tenho tentado experimentar na escrita uma forma a atingir outros públicos, simplesmente porque quero que as coisas sejam lidas, e claro, porque acho interessante testar novos estilos.

*19. De certa forma, essa escolha não se apresenta como mais uma ruptura aos cânones tradicionais da antropologia, para a qual a escrita teórica sempre foi relevante?*

*DM:* Sabe, eu vim de uma tradição em Cambridge que é obcecada com inteligência. E acho que deve-se fazer um esforço de se deslocar da inteligência para a compreensão. Compreensão é muito mais difícil. A questão da inteligência é que se fixar numa teoria é algo relativamente fácil de se fazer, porque grande parte disso consiste no domínio de uma semântica própria, uma terminologia determinada, que produz toda uma gama de idéias correlacionadas. No entanto, responder como isso ajuda a entender por que pessoas não compram produtos orgânicos ou por que reagem a certas instituições de determinada maneira, isto sim é mais difícil, mais interessante, e nos arremessa de volta a campo. O que a antropologia deveria fazer é desafiar constantemente os debates teóricos e dizer: está bem, se isto é importante, então nos mostre o que se pode fazer com isto, onde isto faz uma diferença para a compreensão dos objetos de estudo.

*20. Seu único livro traduzido para língua portuguesa, além de alguns artigos publicados em periódicos científicos, foi Teoria das compras (São Paulo, Nobel, 2002). No Brasil esta obra tem despertado enorme interesse pelo público especializado em negócios. Diante dessa circunstância, como despertar o interesse de antropólogos pela área de estudos da cultura material?*

*DM:* Os estudos da cultura material não são algum tipo de moda passageira. Há uma fundamental percepção de que é um reconhecimento do mundo em que vivemos. O lado material do mundo e estas questões de consumo estão por toda parte. E as pessoas estão começando a se dar conta de que não se pode tratar de questões como o meio ambiente, ou a ameaça ao planeta, a não ser que se leve a sério a tentativa de compreender por que as pessoas consomem. Não é possível se voltar a questões

relativas ao materialismo ou desenvolvimento da economia, a não ser que se ocupe do estudo das relações das pessoas com estas questões de uma forma que as pessoas da área de negócios não fariam. Em um certo nível, somos antropólogos porque acreditamos que a paciência que o trabalho etnográfico exige produz, de fato, uma compreensão aprofundada, confiável, que grupos focais ou outras metodologias usadas em diferentes áreas não produzem. E as questões que envolvem o destino do planeta e o destino da economia são tão expressivas que creio que as pessoas começarão a se dar conta que este tipo de paciência antropológica produz resultados que elas nunca obterão de sua típica perspectiva de curto prazo. Haverá um interesse crescente por parte da antropologia a este tipo de trabalho e o reconhecimento de que ele é de fato essencial.

## Nota

- <sup>1</sup> Entrevista cedida por Daniel Miller em 21 de setembro de 2009 no departamento de Antropologia da University College London.

## Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre  
1983 [1972] *Esboço de uma Teoria da Prática*, São Paulo, Ática.
- LÉVI-STRAUSS, Claude  
1981 [1977] *A via das máscaras*, Lisboa, Presença.

MILLER, Daniel

1987 *Material Culture and Mass Consumption*, Oxford, Basil Blackwell.

1997 *Capitalism: An Ethnographic Approach*, Nova York, Berg.

2002 *Teoria das compras*, São Paulo, Nobel.

2003 *The Sari*, Nova York, Berg.

2008 *The Comfort of Things*, Cambridge, Polity.

2010 [no prelo] *Stuff*, Cambridge, Polity.

MILLER, Daniel; WOODWARD, Sophie

2007 “Manifesto for a study of denim”, *Social Anthropology*, vol. 15(3): 335-351.

SAHLINS, Marshall

2003 [1976] *Cultura e Razão Prática*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

VEBLEN, Thorstein

1985 [1899] *A Teoria da Classe Ociosa*, São Paulo, Abril Cultural.